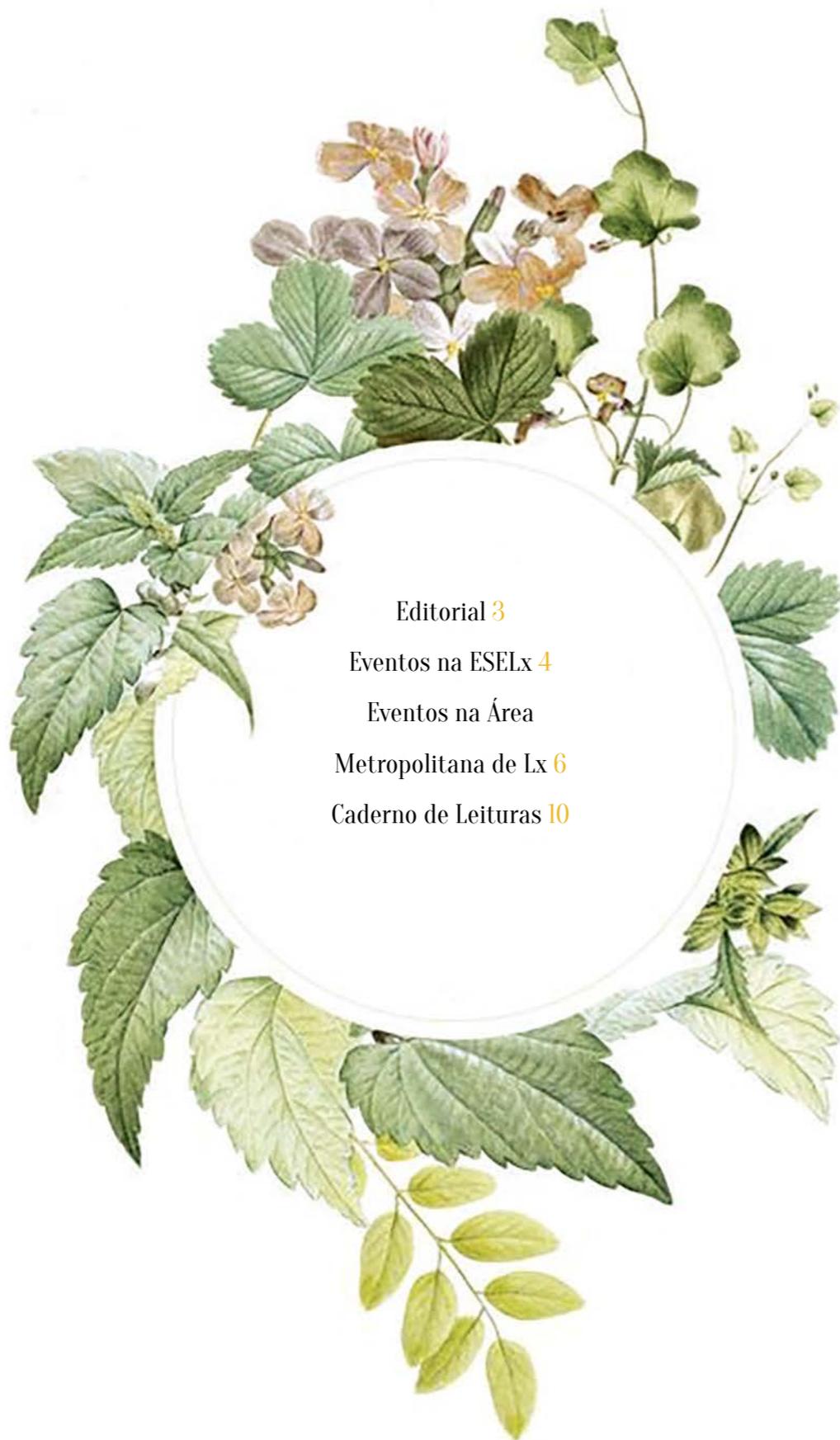


CulturESE

Boletim de Divulgação Cultural da Escola Superior de Educação de Lisboa
17 a 31 de outubro de 2016. Organização: Conselho Pedagógico da Escola Superior de Lisboa





Editorial 3

Eventos na ESELx 4

Eventos na Área

Metropolitana de Lx 6

Caderno de Leituras 10

Editorial

Bem-vindos à edição nº 90 do CulturESE! Uma vez regressados das nossas casas de campo, espera-nos uma intensa temporada outono-inverno na capital. A começar pela ESELx, anunciamos desde já as comemorações que se avizinham do centenário do edifício da antiga Escola Normal Primária de Lisboa, obra construída entre 1916 e 1918, destinada a receber e fundir as duas escolas normais que então existiam, feminina e masculina. O edifício, cujo projeto é da autoria do arquiteto Adão Bermudes, alberga, desde 1990, a Escola Superior de Educação de Lisboa. Para assinalar a data da sua construção, várias iniciativas estão previstas, entre as quais um concurso de fotografia que visa premiar os trabalhos fotográficos que melhor retratem a ESELx. A entrega de trabalhos termina a 31 deste mês. Não se atrasem!

Na capital, o MAAT (o novo e magnífico Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia) abriu as suas portas ao rio e à cidade. É o acontecimento do ano em Lisboa. Sem querer assinalar nenhuma exposição em particular, olhamos para os projetos e desafios que este museu tem no futuro. Nas palavras do seu diretor, Pedro Gadanha, este será um espaço aberto a artistas de renome internacional, um espaço educativo, destinado a aproximar o público da arte contemporânea, para que a sua linguagem se torne acessível e compreendida, um espaço em que a arquitetura seja um meio de divulgação do diálogo entre o artista e a cidade. Por outras palavras, pretende-se fazer do MAAT uma referência no meio museológico internacional.

Boas escolhas, bons espetáculos!

Comemorações

Comemoração | ESELx 
Dezembro de 2016

No dia 10 de dezembro de 1916, foi colocada a primeira pedra para a construção do edifício da, então designada, Escola Normal Primária de Lisboa. A cerimónia foi testemunhada ao mais alto nível, pois contou com a presença do Presidente da República, Bernardino Machado, e do ministro da Instrução, Pedro Martins. São, aliás, os seus nomes que constam na gravação que se pode ler na fachada principal da atual Escola Superior de Educação.

A cerimónia iniciou-se às 14 horas e contou, ainda, na assistência com muitos nomes: João de Barros, secretário-geral do ministério da Instrução; Pedro José da Cunha, reitor da Universidade de Lisboa; Freire de Andrade, presidente da comissão administrativa das obras; Queirós Veloso, diretor da Faculdade de Letras de Lisboa; Lima Bastos, chefe da Repartição do Ensino Normal; Adães Bermudes, arquiteto da obra; Alberto Machado, reitor do Liceu Passos Manuel; Sá e Oliveira, reitor do Liceu Pedro Nunes; Tomás da Fonseca, diretor da Escola Normal; César da Silva Azevedo, encarregado das obras e delegado da comissão; e Manuel Vidinhas, mestre geral. A esta comitiva juntou-se ainda uma deputação do Albergue das Crianças Abandonadas, acompanhada pelo seu diretor, Alexandre Morgado.

Para além da presença policial no local, foi feita uma guarda de honra ao Presidente da República por uma força da Guarda Republicana, cuja banda tocou o hino nacional.

Este ano, no mês de dezembro, comemorar-se-á o centenário do início da construção do edifício principal da atual Escola Superior de Educação. O designado grupo do centenário, constituído pelos professores Nuno Martins Ferreira, Antónia Estrela, Bianor Valente e Rui Covelo, está a preparar a comemoração desta efeméride, que contará com um ciclo de conferências, entre outras iniciativas a anunciar brevemente.

Nuno Ferreira



Lançamento da 1ª pedra para a construção da Escola Normal de Lisboa, Bernardino Machado preside à cerimónia. Fotografia de Joshua Benoliel (1916, Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/AF/JBN/000503)

Concursos

Concurso de Fotografia | ESELx
Até 31 de outubro

No próximo dia 10 de dezembro, comemorar-se-ão os 100 anos do lançamento da primeira pedra do edifício principal da Escola Superior de Educação de Lisboa. Durante um século, foram muitos os que passaram por este edifício. Nele construíram amizades, aprenderam e partilharam experiências. Este concurso pretende que cada participante ilustre a visão pessoal que tem de um ou vários espaços deste centenário edifício. A fotografia como processo de investigação – de espaço e tempo – trará assim um novo olhar sobre uma construção com 100 anos de história.

Saber mais aqui

Workshops

Técnicas de animação na terceira idade | ESELx
21 de outubro | 14h00 às 18h00

Esta oficina pretende transmitir aos participantes os conhecimentos teóricos sobre como intervir na terceira idade; capacitá-los com conhecimentos e técnicas para a implementação e desenvolvimento de programas de animação estimulativa para pessoas com demência; dar a conhecer as principais técnicas de animação estimulativa; ensinar a estruturar sessões de estimulação cognitiva. A sessão será orientada por Sofia Colaço Dias e Susana Bagão.

Custo: 35 euros | Saber mais aqui



Eventos na ESELx

Eventos na Área Metropolitana de Lx

Cinema 🎬

DocLisboa | Locais vários

20 a 30 de novembro

Sobre o DocLisboa já muito se falou aqui a respeito de edições anteriores; por isso, para este ano de 2016, assinalamos apenas a secção que fechará o programa, a *Heart Beat*, representativa de várias formas de arte e expressão: Arquitetura, com Siza Vieira; Fotografia, com Robert Mapplethorpe, Cinema com Sidney Lumet e David Lynch que nos mostrará em *Art Life* o seu percurso formador pelas ruas de Filadélfia, nas quais viveu episódios importantes para a sua vida e a sua profissão.

Custo: 4 euros (preço com desconto) | Saber mais aqui

Dança 🎭

Le Festival des Mensonges | O Festival das Mentiras | Teatro São Luiz | Jardim de Inverno

28 e 29 de outubro | 19h00

Inspirado na tradição popular e nas palavras do escritor chileno Luis Sepúlveda, Faustin Linyekula recorda as reuniões noturnas de camponeses na Patagónia contando histórias, sempre mentiras e em que a mais inverosímil saía vencedora... Neste espetáculo convida-nos a ouvir pequenas histórias do quotidiano, mas também a grande história de um país, reescritas vezes sem conta (República Democrática do Congo, ex-Zaire, ex-Congo belga, ex-Estado Independente do Congo...), como se mudar o nome fosse apostar num futuro melhor.

Custo: 12 euros (preço com desconto) | Saber mais aqui

Teatro 🎭

Contos em Viagem – Macau | Teatro Meridional

Até 6 de novembro | De quarta-feira (21h30) a domingo (17h00)

O Projeto “Contos em viagem” tem como desafio fazer uma viagem literária pelos vários países que escreveram e escrevem poesia, prosa, romance e contos na língua portuguesa. É objetivo do projeto “Contos em viagem” a criação de uma dramaturgia baseada em textos não teatrais e, através desse trabalho, construir espetáculos contados a uma só voz (um ator) e com espaço sonoro e música original interpretados ao vivo (um músico). Após três espetáculos inscritos neste ciclo, Contos em viagem – Brasil (2006), Contos em viagem – Cabo Verde (2007) e Contos em viagem – Brasil, Novas Rotas (2009), entendemos dirigir-nos a Oriente, pelo desconhecimento que a nossa passagem cultural por Macau teve, e continua a ter, em termos da produção literária que durante largos anos aí foi escrita e desenvolvida. Encenação a partir de textos de Altino do Tojal, António Augusto Menano; António Manuel Couto Viana; Benjamim Videira Pires; Bocage; Camilo Pessanha; Carlos Frota; Deolinda da Conceição; Fernanda Dias; Fernando Sales Lopes; Henrique de Senna Fernandes; Jorge Arrimar; José Augusto Seabra; José dos Santos Ferreira; José Jorge Letria; Maria Anna Acciaioli Tamagnini; Maria Ondina Braga; Miguel Senna Fernandes; Rai Mutsu; Wenceslau de Moraes; Yi Lin.

Custo: 10 euros (preço com desconto) | Saber mais aqui



Caderno de Leituras

O Chapeleiro faz chapéus para todas as pessoas, para todos os gostos, requisitos e necessidades. É o autor de alguns dos mais famosos chapéus de todos os tempos. **Mas, mesmo assim, não está contente: todos os seus chapéus, completamente diferentes entre si, têm uma característica comum: não voam com o vento.** Apesar de ter todos os seus clientes satisfeitos com essa particularidade, um dia, o Chapeleiro fecha a sua loja... Para onde terá ido?



Por **Helena Wemans**, aluna do 2º ano da Licenciatura em Educação Básica da Escola Superior de Educação de Lisboa.

O objetivo máximo do ser humano é atingir a perfeição. Assim, tal como todos os seres humanos, o Chapeleiro também queria atingir a perfeição, fazendo o chapéu para o seu único cliente insatisfeito. Mas, esse seu cliente, para além de ser invisível, era umas vezes caprichoso, outras indeciso, umas vezes fraco, outro forte, umas vezes direito, outro torto e, outras ainda, não existia... O Vento constituía, de facto, um enorme problema para o trabalho e para a autoestima do Chapeleiro. Como é que poderia fazer um chapéu para o Vento, sendo ele tão inconstante? Para uma pessoa, por mais complicada que ela fosse, o tamanho da sua cabeça era sempre o mesmo e ele podia agarrar-se a esse ponto fixo e seguro. Mas, e para o Vento? O Vento chegava a ter cabeça sequer? Qual seria a sua forma? Se não acertasse, corria o risco de o Vento nem sequer o levar, uma vez que não lhe servia...

Depois de muito pensar, de muito estudar e de muito suar por causa do complicado caso do Vento, o Chapeleiro lá se saiu com a sua nova e maravilhosa invenção. Finalmente, tinha conseguido fazer um chapéu para o Vento!

E, assim, desta simpática maneira, acaba o livro, com o Vento muito feliz e realizado, levando consigo o chapéu por que há tanto tempo esperava!

MAS A HISTÓRIA CONTINUA...

Pois bem, eu duvido que o trabalho do Chapeleiro tenha sido satisfatório. O Vento só levou aquele chapéu para dar descanso ao palerma do homem que tinha a ambição de chegar à perfeição. Queria mais que aquilo que podia ter. O Vento levou o chapéu, sim, mas levou-o apenas até onde chegava a vista do Chapeleiro e, depois, deixou-o abandonado numa qualquer cidade, sem dono. O Chapeleiro, no entanto, ficou todo satisfeito pensando que tinha finalmente atingido o seu maior e mais desafiante objetivo e, nesse dia, dormiu finalmente tranquilo.

No entanto, um problema o esperava. E um problema muito maior que fazer um chapéu para um cliente invisível e inconstante.

Mais tarde, passado sabe Deus quanto tempo, um homem passou por aquele caminho e viu o chapéu caído no meio do chão. Tirou-lhe o pó e levou-o para casa todo satisfeito. Em casa, mostrou-o à mulher e esta, com o seu bom olho para as coisas boas, reparou imediatamente que aquele chapéu não era um simples chapéu perdido, era um chapéu do Chapeleiro! Daqueles que, por mais vento que fizesse, não voavam! Que orgulho! Um chapéu do Chapeleiro! O que eles não sabiam era que o chapéu continuava a pertencer ao Vento, tinha-lhe sido oferecido a ele.

E lá passou o feliz a andar pelas ruas, exibindo o seu novo chapéu de marca cara. E usou-o como se lhe pertencesse desde sempre.

O Vento, porém, não gostou daquela afronta. Não precisava de um chapéu, essa necessidade fora o Chapeleiro que lha inventara para se poder gabar da sua grande perspicácia e imaginação, mas, mesmo que não usasse o seu chapéu, não queria dizer que outros o pudessem usar. E, assim que S. Pedro lhe deu permissão de descer àquela cidade, correu com quanta velocidade tinha e levou o chapéu da cabeça do homem, transportando-o até ele o perder de vista. O homem ficou indignadíssimo! Que significava aquilo? O chapéu era indiscutivelmente do Chapeleiro, como é possível que tivesse voado com a primeira rajada de vento do ano? E, muito indignado, até à ponta dos cabelos, viajou até à cidade do famoso

Chapeleiro para lhe reclamar a má qualidade do seu produto e, já agora, para lhe chamar incompetente e mais uma quantidade de nomes feios.

Quando chegou à cidade, dirigiu-se à loja do Chapeleiro, entrou nela de rompante e explodiu num sem fim de críticas, exigindo, por fim, um outro chapéu. O Chapeleiro, que nunca tinha sido criticado, cambaleou e só conseguiu responder com um grunho esquisito. Como era possível que aquele homenzinho insignificante não estivesse satisfeito com uma das suas obras-primas? Tantas críticas, a ele que era perfeito, tinham-no feito perder a fala.

O homem apenas obtendo como resposta aqueles grunhos impercíveis, perdeu a paciência e saiu da loja, batendo com a porta, decidido a espalhar a notícia de que afinal os chapéus do Chapeleiro eram uma grande fraude.



Entretanto, o chapéu, nessa outra cidade a que foi parar transportado pelo seu dono, foi encontrado por uma outra pessoa, e o episódio repetiu-se naquela e depois de cidade em cidade. Até que, de ano para ano, depois de mês para mês, depois de semana para semana, de dia para dia, de hora para hora, de minuto para minuto, tinha o Chapeleiro na sua loja quantidades cada vez maiores de pessoas a reclamar a má qualidade dos seus chapéus. Mal sabiam elas que falavam todas do mesmo chapéu! E o Chapeleiro, coitado, continuava a emitir grunhos, tão perplexo estava com toda aquela situação.

A certa altura eram já multidões que se dirigiam à loja do Chapeleiro, e começou a haver distúrbios na cidade, uma vez que as pessoas que estavam satisfeitíssimas com o Chapeleiro não aceitaram aquela afronta ao seu querido salvador que fazia chapéus para todas as ocasiões. Criaram-se então partidos políticos. Pró Chapeleiro e Anti Chapeleiro. E teria havido uma Guerra Mundial, se o governador da cidade não se tivesse imposto com uma rígida ditadura na cidade e expulso o Chapeleiro para que este não causasse mais problemas. E tudo se reduziu ao silêncio enquanto o governador “ditaturava”.

Tudo por causa de um homem inconsciente que quis ser perfeito.

O Chapeleiro, esse, viajou desconcertado e completamente confuso, de cabeça baixa e descoberta, para a outra ponta do mundo. Quando lá chegou, encontrou um chapéu caído. Apanhou-o com carinho, e depois de o observar atentamente viu que era o chapéu que tinha feito para o Vento. Aí compreendeu tudo e arrependeu-se amargamente de ter sido orgulhoso. Ainda experimentou pô-lo na cabeça, mas logo uma rajada de vento passou e levou consigo o chapéu.

E, ainda hoje, anda por aí o chapéu do Vento, a saltar de cabeça em cabeça, rindo-se do sonho de perfeição dos Homens.

Organização textual:
Marta Abreu Silva e Ana Isabel Silva

CulturESE

COMISSÃO EDITORIAL

Helena Barroso, Cátia Rijo, Ana Isabel Silva e Marta Abreu Silva

Design Gráfico: Carla Henriques

